

Notícias

Saudades de Coimbra

VI Encontro Nacional dos TOC reuniu cerca de sete centenas de pessoas

O palco era grandioso, o clima não pregou rasteiras, os participantes sabiam ao que iam e colaboraram. Tudo junto, ou melhor, tudo somado, para usar um termo caro à classe, deu como resultado largas horas de alegria, convívio e pura diversão. Foi assim, no passado dia 5 de Julho, no Estádio Cidade de Coimbra, o VI Encontro Nacional dos Técnicos Oficiais de Contas. Quem lá esteve – e foram cerca sete centenas de pessoas – certamente que não deu por mal empregar o tempo.

Organizado por uma comissão eventual expressamente constituída para o efeito, presidida por Manuel Teixeira e da qual faziam também parte Sílvio Vilão, João Reis e Alberto Ferreira, sendo Alberto Braz o elo de ligação dos organizadores com a Direcção da CTOC, o VI Encontro Nacional dos TOC apresentou um programa vasto e

recheado de surpresas e novidades. A lista de realizações arrancou com uma missa na Igreja Matriz de S. José em memória dos colegas falecidos. Algumas dezenas de TOC marcaram presença no templo, dando cumprimento a um ritual de cariz mais intimista.

A paragem seguinte, bem mais extrovertida, remetia os presentes para o interior do Estádio Cidade de Coimbra. Era o início das actividades lúdicas que englobavam futebol e jogos tradicionais. Nada de novo? Se dissermos que estiveram em campo duas equipas femininas já o caso muda de figura. Pois bem, em pleno relvado de um dos palcos do Euro-2004 (lembram-se?), e com um pouco mais de metade do terreno de jogo dividido em dois, o futebol de sete animou as hostes. Dois jogos em simultâneo (digamos que para apurar os finalistas do lado masculino



Fez-se silêncio e, para muitos com emoção, ouviu-se o fado de Coimbra



Os jogos tradicionais animaram parte da manhã do Encontro dos TOC

e feminino), resultaram numa final de desfecho previsível mas inevitavelmente atribulada. Do lado masculino, a equipa constituída por colaboradores da CTOC não deu grande hipótese ao “sete” apresentado pelos TOC. O resultado (consta que 10-5!) é revelador. Enquanto isso, no rectângulo ao lado, na parte feminina, equilíbrio foi termo que também, em nome da verdade, não se pode aplicar. O marcador teve uma marcha veloz e só após animada discussão entre os dois conjuntos se chegou a um consenso no final do jogo: 6-1 favorável à equipa «encarnada». A outra, bem mais colorida (calção branco, meias azuis e brancas, *collants* rosa e camisola azul) não teve argumentos para a maior frescura e capacidade técnica das adversárias.

Jogos tradicionais animados

Ao mesmo tempo que decorriam os versáteis jogos de futebol, boa parte dos presentes, muitos deles já vestidos com o pólo oferecido à entrada com o símbolo da CTOC, degustava uns aperitivos ou mostrava os seus dotes na panóplia de jogos tradicionais servida antes do almoço: jogo do farelo e corrida de sacos, corrida aos pares com elástico no pé, corrida com colher e bola de ténis de mesa. Enfim, grande variedade que galvanizou participantes dos oito aos oitenta. Novos e menos novos, TOC ou familiares, proporcionaram momentos destemidos, animados e... caricatos. Porque o relógio teimava em não abrandar a sua marcha e o sol, apesar de clemente, fazia sentir-se com esplendor, as cerca de sete centenas de participantes ajustaram-se às dezenas de mesas instaladas sob a mega tenda instalada na pista do estádio. O repasto prolongou-se, como era suposto, por cerca de duas ho-

ras. Enquanto os mais velhos se entregavam aos prazeres da culinária, os mais novos, com inesgotável energia, mostravam no relvado as habilidades que uma bola é capaz de permitir.

«Experiência a repetir»

A tarde ia a meio mas o programa tinha ainda várias etapas a cumprir. Os acordes do grupo «Intemporalidades» começaram a ouvir-se e com eles surgiram os primeiros pares de dança. Seguiram-se os discursos, já com a presença de Carlos Encarnação, presidente da Câmara Municipal de Coimbra e de Jaime Devesas, Director Distrital de Finanças de Coimbra. Em poucas palavras, porque a tarde era de festa e de convívio, Domingues de Azevedo expressou o seu contentamento com a organização do evento que, como fez questão de esclarecer, foi «da responsabilidade dos nossos colegas de Coimbra. A Direcção da CTOC pôs em prática uma experiência que visa entregar a profissionais de várias regiões a possibilidade de organizarem eventos. Esta foi a primeira experiência e estou muito satisfeito, porque estamos perante uma excelente organização. Penso que esta experiência será para repetir.» Ouviram-se muitas palmas e o agradecimento do presidente da Direcção a todos quantos estiveram presentes, até porque «sei que não é fácil estar aqui, depois de uma semana tão complicada como aquela que tivemos.» Mais palmas e a garantia do responsável máximo da Instituição de que «estas experiências estão para durar.»

Jaime Devesas, há muito conhecido dos TOC, dado o seu currículo de colaboração com a CTOC, sobretudo ao nível da formação, lembrou



A corrida de sacos exigiu o máximo esforço por parte dos participantes



O presidente da Câmara de Coimbra, Carlos Encarnação, quis associar-se à festa dos TOC

que «a posição da Administração Fiscal e do TOC são complementares e não antagónicas. Todos trabalham em prol da equidade fiscal.»

A fiscalidade esteve também presente nas palavras de Carlos Encarnação, que não perdeu a oportunidade de criticar o Executivo sobre a anunciada intenção de rever os limites máximos do IMI: «Quando se trata de impostos municipais, podem baixar-se, os outros é que não!», disparou o presidente da edilidade que recordou os anos em que se cruzou com Domingues de Azevedo na Assembleia da República, em bancadas de cores diferentes e a amizade e respeito mútuo que os une: «Os políticos só têm má relação entre eles se não per-

ceberem o que é a relação entre as pessoas», assegurou Carlos Encarnação que não terminaria sem garantir que «a profissão de TOC é fundamental para todo o circuito económico do País.» Manuel Teixeira, em nome da organização, usou também da palavra para confessar que foi «com muito gosto, prazer e empenho que nos dedicamos a este encontro. Fico satisfeito por ver que correspondemos às expectativas.»

Terminados os discursos, veio a dança. Ou melhor, o grupo folclórico «Rosas dos anos 60», de S. Silvestre. Mais de meia hora, seguida



As mulheres demonstraram os seus dotes futebolísticos no relvado de Coimbra



O repasto serviu para retemperar as forças

da actuação do grupo «Intemporalidades» para fazer mexer os convivas. Mas um dos pontos altos do dia estava ainda para chegar: o fado de Coimbra. Trajados com as inevitáveis e austeras capas pretas, Luís Alcoforado, acompanhado por Luís Carlos à viola e por João Pedro à guitarra, deram corpo a alguns dos êxitos imortais do fado coimbrão como «Saudades de Coimbra», «Canção de Embalar», «Menino d'ouro», «Capa Negra, Rosa Negra» ou a inevitável «Balada da despedida». Apesar da tarde ir já longa, o certo é que havia ainda muitos resistentes que não perderam a oportunidade para recordar e trautear canções sem idade. E, para tal, nada melhor que Coimbra... ■